

INTERFACES COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: RELATO DO COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR DO GT1 NO XVIII ENANCIB

Email:
fcpaletta@usp.br
edivanioduarte@cci.ufal.br
elianebo@unb.br
georgete@unb.br
isafreire@globo.com
jonathascarvalhos@yahoo.com
.br
ppgarq@unirio.br

Francisco Carlos Paletta, Edivanio Duarte de Souza, Eliane Braga de Oliveira,
Georgete Medleg Rodrigues, Isa Maria Freire, Jonathas Luiz Carvalho Silva,
Mariana Lousada

1 INTRODUÇÃO

Com objetivo de propiciar o diálogo teórico e epistemológico sobre a interdisciplinaridade no campo da Ciência da Informação, este trabalho apresenta o relato do Colóquio Interdisciplinar Memória: interfaces com a Ciência da Informação, realizado em 24 de outubro de 2017 no âmbito do XVIII ENANCIB, na UNESP, Marília (SP).

No ENANCIB de 2016 o GT1- Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação incluiu na sua programação o evento Colóquios Interdisciplinares do GT1 onde a própria interdisciplinaridade foi o tema central do colóquio que contou com a palestra do professor Fernando Cesar de Souza (Senac SP) e contou com a intervenção das professoras Lena Vania Pinheiro (IBICT) e Henriette Ferreira Gomes (UFBA) que dialogaram com o palestrante e os pesquisadores presentes sobre a interdisciplinaridade na Ciência da Informação.

Inspirados na publicação do livro *Memória: Interfaces no campo da Informação* das pesquisadoras Eliane Braga de Oliveira e Georgete Medleg Rodrigues da UnB, a proposta do GT 1 neste ano é abordar a interface da Ciência da Informação com a memória. A segunda parte do evento contou com a intervenção do professor Jonathas Luiz Carvalho Silva (UFCA) que apresentou a interdisciplinaridade da Biblioteconomia com a Ciência da Informação e a professora Mariana Lousada (UNIRIO) que abordou a interdisciplinaridade da arquivologia com a Ciência da Informação.

Especificamente, neste evento, a relatoria optou por seguir rigorosamente o fundamento em que se estava ancorada: o diálogo. Nesse sentido, o presente relatório é um misto dos textos, das falas, dos slides apresentados pelos palestrantes. Tornando-se todos autores do mesmo, considerando que o relato se deu numa espécie de transcrição da apresentação original dos palestrantes e de seus interlocutores

2 CONFERÊNCIA: A MEMÓRIA DA ORGANIZAÇÃO DE UM LIVRO

Profa. Dra. Eliane Braga de Oliveira, UnB
Profa. Dra. Georgete Medleg Rodrigues, UnB
- Organizadoras do livro *Memória: Interfaces no campo da Informação*

Ao iniciar a conferência, a professora Eliane Braga apresenta como um dos motivadores da organização do livro a ausência de discussão em torno do tema memória no campo da Ciência da Informação. Outros motivadores derivaram do contexto profissional na Faculdade de Ciência da

Informação da UnB que congrega os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia e o programa de pós-graduação em Ciência da Informação que propiciam a possibilidade de vínculos e diálogos entre memória e informação, memória e conhecimento, memória e documento.

Na área de Arquivologia, apesar de os arquivos e arquivistas serem compreendidos como espaços e profissionais que cuidam da memória há um vazio conceitual quando se pergunta que tipo de memória o arquivista preserva? Que memória está sendo preservada nesses lugares de memória chamados arquivos?

Qual o poder dos arquivos e dos arquivistas na formação da memória? Quando os arquivistas trabalham, preservam, organizam, e disponibilizam os documentos de arquivo eles o fazem lançando camadas de significado e intervenção sobre esses documentos e é sobre isso que o pesquisador vai ter acesso. Diferentemente do que ocorre nas Bibliotecas, o acesso ao documento de arquivo é sempre intermediado por instrumentos de pesquisa que são elaborados pelos arquivistas.

Nesse aspecto, é um cego conduzindo outro, em ambas as direções: estudiosos usando arquivos sem perceber as espessas camadas de intervenção e significado codificado nos registros por seus produtores e pelos arquivistas muito antes das pesquisas começarem; e arquivistas tratando seus arquivos sem sensibilidade para as marcas que estão deixando no registro arquivístico” (Terry Cook, 2004).

Um fator importante que devemos considerar está associado às camadas de intervenção que os profissionais da informação lançam sobre o documento quando organizam e dão acesso à essas informações. Uma inquietação que nasce na configuração da sociedade contemporânea caracterizada pelo efêmero, pela fluidez e pela velocidade, características que Bauman (2007) define como “vida líquida” ou “modernidade líquida”, onde as experiências passadas e a tradição tendem a se tornar irrelevantes, nada pode reivindicar a condição de perenidade, tudo é descartável e rapidamente substituído: objetos, objetivos, relações, identidade.

Diante deste quadro a função social da memória na construção e transmissão do conhecimento apresenta-se como que extemporânea. O mesmo poderíamos dizer de Museus, Bibliotecas e Arquivos, as chamadas instituições de memória, socialmente legitimadas e compreendidas como espaços dedicados à sua preservação. A Ciência da Informação deve centrar esforços em poder responder às demandas da sociedade e poder lidar com as dificuldades informacionais desta sociedade líquida em constante movimento de renovação.

Ao falar de memória, do que fala o cientista da informação? Da preservação dos registros informacionais? Da influência dos processos cognitivos na representação e recuperação da informação? Da utilização de tecnologias de informação? Portanto, a sociedade do efêmero, na qual se defrontam questões de ordem ideológica, ética, econômica e tecnológica, reforça a necessidade de refletir sobre as concepções de memória que permeiam o conhecimento produzido pela Ciência da Informação.

Considerando as interfaces existentes entre Arquivologia e CI, ampliamos o escopo desses estudos iniciados na arquivística para a Ciência da Informação, buscando identificar outras possibilidades de abordagens do tema memória associadas à representação da informação, ao processo de aprendizagem e à recuperação da informação, e constatamos que o tema também era muito pouco explorado na produção científica da CI.

Esses dois fatores - a naturalização do conceito de memória na Arquivística e a pouca expressão do tema na Ciência da Informação - somaram-se ao entendimento de que os estudos

sobre memória podem ser úteis, tanto para as disciplinas que priorizam a informação como objeto, como para aquelas cujo foco recai mais especificamente sobre o documento. Todas elas lidam com processos de produção, organização, preservação e recuperação da informação, nos quais a memória aparece, não só como componente cognitivo, mas também como produto dos processos informacionais, a memória exteriorizada, ou os registros de informação.

Recorrendo a Wersig e Neveling (1975), que advogam como objetivo da CI sua responsabilidade social na transferência do conhecimento para aqueles que necessitam, ressaltamos nosso entendimento de que essa responsabilidade pressupõe o acesso assíncrono à informação, ou seja: informações disponibilizadas em momentos distintos daqueles nos quais foram produzidas, permitindo novas contextualizações e a construção de novos conhecimentos. É necessário, também, pensar na dinâmica da memória como construção social cotidiana, nos processos informacionais. Nesse aspecto, as tecnologias de informação desempenham papel fundamental, ao alterar um cenário onde os “produtores de memória” eram, em sua maioria, instituições legitimadas pelo estado para exercer esse papel.

Adotando como referencial teórico, o modelo de construção do conhecimento proposto por Wersig (1992), conforme o qual a Ciência da Informação deve tecer uma rede conceitual a partir da reformulação de modelos genéricos e interconceitos, os objetivos eram identificar os “atratores” do conceito de memória na Ciência da Informação, e analisar suas apropriações e reformulações na produção dos programas de pós-graduação em CI no Brasil, tendo como campo empírico a produção científica da área.

Estudo exploratório acerca do problema de pesquisa onde se procurou identificar o tema memória em fontes de informação representativas da área. Para isso, foi estabelecido, como campo empírico, a produção científica dos cientistas da informação, tanto em âmbito nacional como internacional.

Para guiar a exploração desse material, estabeleceu-se previamente três categorias de análise, a partir das possibilidades de abordagens do tema memória identificadas por Smit e Tálamo (2006), nos estudos de Otlet e Bush: memória humana, memória artificial e memória social.

A primeira constatação possibilitada pelos resultados foi o caráter periférico do tema, tanto na produção internacional (LISA), quanto na produção nacional. As fontes de informação foram artigos de periódico, comunicações dos ENANCIBs e teses e dissertações dos programas de pós em CI. Foi surpreendente verificar a pouca expressão do tema memória na Ciência da Informação.

Aplicado o recorte temporal, 1972-2005, e o termo de pesquisa *memory* obteve-se um total de 203 referências, o que representa algo em torno de 0,07% e 0,05% dos artigos indexados pela base LISA, até agosto de 2009, época em que a LISA indexava 440 periódicos produzidos em mais de 60 países.

Utilizando o modelo de construção do conhecimento de Wersig, constatamos que o conceito de memória não havia sido trabalhado de forma efetiva no âmbito da Ciência da Informação. Não havíamos ultrapassado o primeiro passo, no qual os conceitos genéricos devem ser questionados quanto aos seus potenciais objetivos na área, e, então, reformulados.

Os autores promovem uma adjetivação diversificada do termo memória como forma de apropriação, sem que isso implique, necessariamente, na sua reformulação (memória institucional, memória social, memória científica, memória nacional). Essas adjetivações são, em geral, delimitações dos objetos de pesquisa ou dos contextos específicos estudados pelos autores.

Na busca de referenciais teóricos para o embasamento de suas pesquisas, os cientistas da informação, ao abordar o tema memória, recorrem, com maior frequência, a autores da História, da Sociologia e da Filosofia.

Alguns autores estabelecem uma relação hierárquica entre termos mais amplos, dos quais se apropriam, e termos mais restritos, com os quais delimitam a parcela de memória à qual se referem. É o caso do conceito de “memória coletiva”, de Halbwachs, e o conceito de “memória social” utilizados por Pierre Nora e Le Boff. Uma vez apropriados, esses conceitos recebem várias adjetivações: memória arquivística, memória documentária, memória operária, memória institucional, memória governamental, memória científica, memória local, entre outras.

Algumas iniciativas no sentido da sua reformulação foram identificadas nas pesquisas que compõem o que chamamos de núcleo de estudos conceituais. Naquele momento, foram identificadas três teses de cunho eminentemente teórico desenvolvidas no programa da UFRJ/IBICT. São elas: Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica, de Icléia Thiesen, O sentido e o significado de documento para a memória social, de Vera Dodebei, ambas defendidas em 1997, e A Ameaça: tempo, memória e informação, de Geni Chaves Fernandes, defendida em 2004.

Os resultados permitiram identificar uma “tendência” majoritária no âmbito da Ciência da Informação, que parte de uma perspectiva de memória social. Os trabalhos dessa “tendência” relacionam memória e informação, considerando especialmente as informações registradas (documentos), nos mais variados suportes, como elementos de relevância para a memória social. Essa relevância é justificada pela possibilidade de (re)construção da memória e da formação de identidade a partir desses registros, o que exige sua organização, preservação e divulgação. Essas operações incluem o aspecto seletivo, que envolve o binômio lembrar e esquecer, onde a decisão sobre o que constituirá a memória é compreendida como uma disputa, ou uma negociação, entre grupos sociais, permeada por questões políticas e ideológicas, por vezes antagônicas. A preservação dessa memória é associada, também, a espaços físicos socialmente instituídos e legitimados para sua custódia, tais como, arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação.

Quanto aos dados referentes aos PPGCIs, destaca-se o número irrisório de estudos sobre memória neles desenvolvidos. A dispersão dos documentos entre os programas e, no âmbito de cada programa, entre suas linhas não permitiu identificar um espaço preferencial ao desenvolvimento de pesquisas sobre o tema memória. Por outro lado, sendo memória um interconceito, adotando a terminologia de Wersig (1992), seria compreensível que fosse estudado em suas múltiplas possibilidades. No entanto, a dispersão aqui registrada, não se faz acompanhar de uma diversidade de olhares.

Ainda com relação ao contexto de produção das mensagens, uma observação preocupante é que a tendência de crescimento na produção de estudos sobre o tema memória acentua-se conforme ampliávamos o escopo do que considerávamos Ciência da Informação, de forma que nos programas de pós-graduação em CI essa tendência é menos significativa do que nos ENANCIBs, que envolvem outros programas de pós-graduação. Da mesma forma, nos periódicos de Ciência da Informação, a tendência de crescimento é mais significativa do que nos programas de pós em CI e nos ENANCIBs.

A variável relacionada à formação dos emissores das mensagens influi de forma mais decisiva na opção pelo tema. Os produtores dos trabalhos são, majoritariamente, egressos de cursos fortemente vinculados ao documento, que integram as ciências humanas e sociais, como a

Biblioteconomia, História e Museologia. Esse parece ser o fator determinante na tendência ao desenvolvimento de estudos a partir de uma abordagem social da memória.

A fragmentação dos trabalhos entre os contextos de produção e seus produtores, indica que a Ciência da Informação, no Brasil, ainda não havia se posicionado com relação à relevância do conceito de memória para a área. Se a produção científica representa, por si só, um posicionamento, entendemos que a área está deixando de explorar as possibilidades antevistas por Otlet e Bush, limitando sua capacidade de responder adequadamente às demandas da sociedade na sua busca por conhecimento.

Apesar desse quadro, a partir de 2006 acentua-se o crescimento de trabalhos referentes ao tema. Novas formas de produção, preservação e transmissão da memória, possibilitadas pelo uso de novas mídias digitais, exigem do profissional da informação resposta para novas questões, ou antigas questões em novos contextos: autenticidade e veracidade das informações, o público e o privado no campo da informação; permanência das informações; recuperação das informações (folksonomia).

Em nível nacional, alguns aspectos colaboram para o aprofundamento dos estudos sobre memória na CI, entre eles, a criação do GT 10 – Informação e Memória no âmbito do ENANCIB (2010) e a criação do curso de pós-graduação da UFPE, com área de concentração em Informação, Memória e Tecnologia, curso este que já produziu mais de sessenta dissertações.

As mudanças sociais ocorridas no mundo, especialmente aquelas relacionadas ao protagonismo obtido por coletividades antes “caladas”, portadoras de “memórias subterrâneas”, abre um novo espaço de problematização para os profissionais da informação que já se identifica na literatura internacional.

A adoção da noção de memória social abre um leque de possibilidades quando consideramos nossas responsabilidades na preservação e construção de uma memória coletiva, a partir de uma visão inclusiva e democrática. Essa responsabilidade não se limita à atuação em instituições estatais, estendendo-se aos mais diversos setores da sociedade civil.

No campo social, novas formas de produção, preservação e transmissão da memória possibilitadas pelo uso de novas mídias, exigem do profissional da Informação respostas para novas questões ou antigas questões em novos contextos tais como autenticidade e veracidade das informações, o público e o privado no campo da Informação, a preservação da informação gerada no meio digital, a emergência de novas memórias, as mudanças nos contextos locais, regionais, nacionais levando a que a memória seja reescrita, a questão das etnias, das minorias ganhando voz e gerando novas memórias e novos produtores de memória apresenta-se como objeto e campo de trabalho para o cientista da Informação.

Tradicionalmente a atuação do arquivista acontece quando os documentos já estão produzidos e acumulados e precisam ser organizados. Atualmente com a produção dos documentos digitais não é mais possível trabalhar nesta perspectiva e a atuação do profissional deve acontecer desde o momento da produção da Informação uma vez que somente nesta condição é que será possível garantir a preservação da memória dos documentos digitais.

Georgete Medleg Rodrigues situou os principais aspectos relacionados com o desenvolvimento da coletânea que traz uma experiência de parceria, fundamental para a sua realização.

Em suas considerações iniciais apresenta a afirmação “a memória é pop” e relaciona o tema com os dois últimos prêmios Nobel de literatura:

- Prêmio Nobel de 2014 Patrick Modiano onde a justificativa do Comitê do Prêmio “arte da memória com a qual evocou os destinos humanos mais inapreensíveis...”
- Prêmio Nobel de 2017, Kazuo Ishiguro, “Escrever é minha única forma de preservar a memória”, dinâmica de “volta ao passado” versus “repúdio ao passado”.

Destaca o Documentário: “Nostalgia da Luz”, documentário de 2010, do chileno Patricio Guzmán onde novamente a memória ocupa lugar relevante: “A memória tem uma força de gravidade que sempre nos atrai”.

Relata-se a memória da organização do livro: *Memória: Interfaces no campo da Informação*:

- Definição dos autores colaboradores em função de suas pesquisas em torno do tema
- Envio dos convites
- Distribuição das tarefas entre as duas organizadoras
- Orientações formatação
- Projeto da capa: escolha do Memex como imagem de síntese da coletânea
- Revisão dos textos e tradução de um dos capítulos em espanhol
- Contatos com os autores - garantir prazos
- Prefácio: Convite a Capurro - pelo que ele representa para a CI
- Redação da Apresentação do livro pelas organizadoras
- Busca de recursos financeiros para a publicação
- Em 26 de setembro de 2014 versão final do livro pronta
- Submissão ao edital de publicações do Decanato de Pesquisa e Pós-graduação (DPP) da UnB
- Nova fase de negociações com o DPP, que, reconhecendo o mérito da obra fez a mediação entre as organizadoras e a Editora da Universidade para submissão ao Conselho Editorial da Editora
- Negociações diretamente com a Editora da UnB
- Acertada a publicação - o livro entra na fila dos recursos
- Em 2016 greve dos servidores técnico-administrativos - paralisação dos trabalhos
- Informadas pela Editora da UnB da falta de recursos para livro impresso, mas possibilidade de livro digital.
- Consulta aos autores colaboradores se concordariam com a proposta de livro digital.
- Entra em cena a Editora da UFPE, instituição de um dos autores do livro com uma proposta de coedição da obra (UnB faria digital; UFPE, impresso)
- Negociações com a Editora da UFPE
- Antes da conclusão das negociações com a UFPE, a Editora da UnB conseguiu, em 2017, recursos para impressão do livro.
- Julho de 2017 Livro é finalmente publicado.
- Ou seja: quase cinco anos para o livro ser publicado!

Os pressupostos que orientaram o projeto delineado em março de 2013 e concluído em 2017 estão apoiados no fato de que os estudos sobre memória são necessários tanto para as disciplinas que priorizam a informação como objeto, como para aquelas cujo foco recai mais especificamente sobre o documento e que todas essas disciplinas lidam com processos de organização e recuperação da informação, nos quais a memória aparece, não só como componente cognitivo, mas também como produto dos processos informacionais, a memória exteriorizada.

3 DIÁLOGO: INTERFACES ENTRE ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A seguir, o relato do diálogo interdisciplinar, entrelaçando Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

3.1 As interfaces entre Arquivologia e Ciência da Informação

Profa. Mariana Lousada, Coordenadora do PPG em Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO

O mestrado profissional Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO caracteriza-se como o único programa na área de Arquivologia no Brasil de acordo com a Profa. Mariana Lousada, coordenadora do programa.

Não existe consenso sobre o tema interdisciplinaridade entre Arquivologia e Ciência da Informação. Dizer que a CI e a Arquivologia se interessam pela Informação é suficiente para poder caracterizar uma relação de interdisciplinaridade entre ambas? Será que não precisamos ir além?

Qual o objeto da arquivologia? A área tem duas fases de desenvolvimento: até os anos 80 “fase custodial da arquivologia” temos uma arquivologia mais tradicional muito ligada ao documento de arquivo – informação registrada em um determinado suporte, a custódia do documento, a conservação e gestão das fontes documentais o que à liga com a História e Administração – caráter interdisciplinar. A partir da inserção das tecnologias entramos em uma outra fase, onde a arquivologia passa a se redescobrir, discutir alguns conceitos influenciados pelas tecnologias e pela inserção dessas tecnologias nos fazeres e funções arquivísticas.

No contexto do documento digital e da recuperação da informação a área entra na fase pós-custodial o termo informação começa a aparecer como objeto da área e surgem termos como informação orgânica, informação arquivística, informação social. A valorização da informação enquanto fenômeno humano e social que deixa de ser somente histórica e administrativa para ocupar um valor mais interpretativo no contexto do valor do documento deixando de ter uma característica passiva do papel técnico do arquivista como profissional que somente organiza e trata a documentação e passa a ocupar um papel muito mais importante do que o de definir prazo de guarda, valor probatório, legal ou jurídico por exemplo.

Observa-se na documentação científica uma lacuna nas conexões da Ciência da Informação com a Arquivologia e nota-se uma forte conexão desta com a linguística, biblioteconomia, matemática e administração.

A Arquivologia ainda trabalha com o registro material da informação em um determinado suporte ou seja - o documento orgânico que tem relação com outros documentos, enquanto a CI

vai discutir a Informação em um contexto mais amplo, relacionada ao conhecimento científico e tecnológico.

O usuário da informação na Arquivologia está ligado ao ciclo vital do documento e na CI o usuário atua como um retroalimentador do sistema informacional.

Fatores que favorecem a interdisciplinaridades entre a CI e a Arquivologia: os cursos de arquivologia, os professores, e a produção acadêmica e científica da área estão no contexto da Ciência da Informação. No ENANCIB observa-se um aumento significativo na produção científica em torno da temática. CI e Arquivologia compartilham o mesmo domínio de estudo: a Informação.

A Arquivologia passa por um momento de revisão induzida pelo crescimento do mundo digital e as conexões com a CI tornam-se fundamental.

3.2 As interfaces entre Biblioteconomia e Ciência da Informação

Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva, Coordenador do PPG em Biblioteconomia da UFCA

Mestrado Profissional em Biblioteconomia da UFCA – sustentação ao campo informacional inspirado no programa da UNIRIO, criando perspectivas de pesquisas no contexto da Biblioteconomia de acordo com o Prof. Jonathas Luiz Carvalho Silva, Coordenador do PPG em Biblioteconomia da UFCA.

O ponto de partida que norteia as condições discursivas e por sua vez as possibilidades de respostas está centrado na questão: quais possíveis interfaces - processo comunicativo a partir de uma ação - entre Biblioteconomia e Ciência da Informação?

Interface como Fenômeno Epistemológico:

- A transversalidade – como área do conhecimento que trabalha possíveis objetos comuns e, portanto, podem se relacionar
- A reticularidade – a epistemologia em rede (aplicada), contribuindo para a resolução de problemas
- A reciprocidade - está relacionada à interdisciplinaridade

Interfaces entre Biblioteconomia e CI no âmbito dos Fundamentos:

- Fundamentos Históricos
 - As origens da Ciência da Informação e as interferências da Biblioteconomia.
 - As contribuições de Gabriel Naudé
 - As perspectivas para organização da informação e do conhecimento aplicada em bibliotecas: Dewey, Panizzi, Ranganathan
 - Serviços de informação
 - Estudos métricos

- O desenvolvimento da Biblioteconomia e as contribuições da CI
 - Gestão da informação
 - Tecnologias da informação
 - Estudos métricos
 - Estudo de usuários
 - Mediação da Informação
- Fundamentos Epistemológicos
- A ideia da Biblioteconomia se constituir como disciplina (prática profissional) e a Ciência da Informação se constituir como um campo do conhecimento (prática de pesquisa);
- As práticas de informação em comum entre as duas áreas – organização, gestão, mediação, políticas, comunicação científica, tecnologias, memória, estudo de usuários etc.

Ciência da Informação – olhar holístico da informação como campo de representação científica e possíveis contribuições para o desenvolvimento da prática profissional e de pesquisa em Biblioteconomia.

Biblioteconomia – um olhar específico sobre informação voltado para aplicação em ambientes de informação, especialmente bibliotecas, para a prática de atuação profissional e também de pesquisa.

O domínio, a análise de domínio e o discurso hegemônico das comunidades discursivas (HJØRLAND, 2002).

Interfaces teórico-pragmáticas, de aplicação científica e profissional entre Biblioteconomia e Ciência da Informação (os domínios em comum na Ciência da Informação e Biblioteconomia):

- organização, representação e recuperação da informação (inclui sistemas de classificação, indexação, tesouros...);
- fontes de informação gerais e especializadas contemplando guias, portais temáticos e outros aspectos;
- estudos quantitativos e qualitativos de usuários;
- estudos métricos de informação;
- estudos históricos da informação;
- estudos sobre documentos;
- estudos críticos e epistemológicos;
- estudos sobre políticas de informação e comunicação científica;
- análise de domínio na cognição profissional e inteligência artificial;
- gestão e tecnologias da informação. (HJØRLAND, 2002);

Práticas para o ensino – fortalecimento dos setores biblioteconômicos de atuação, através de disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas no âmbito da organização da informação e do conhecimento; recursos e serviços de informação; tecnologias da informação; gestão da informação; fundamentos da informação; e pesquisa.

Práticas para pesquisa – desenvolvimento de atividades científicas no campo da informação, contemplando a aplicação em ambientes de informação físicos e virtuais (bibliotecas, ambientes virtuais de aprendizagem etc.).

Práticas para atuação profissional – desenvolvimento/execução de serviços e produtos através dos conteúdos temáticos em comum entre Biblioteconomia e Ciência da Informação.

- Fundamentos Curriculares

- As interferências da Ciência da Informação no currículo contemporâneo de Biblioteconomia e as interferências mútuas: o estabelecimento curricular através de fronteiras
 - fronteiras externas – conteúdos apropriados em comum entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, quais sejam: Ciências Sociais Aplicadas (Exemplos: Comunicação, Administração e Economia), Ciências Humanas (Exemplos: Filosofia/Sociologia/História, Linguística, Psicologia e Educação); Outras dimensões (Exemplos: Computação, Ciências da Saúde e Direito);
 - fronteiras internas – fundamentos teórico-práticos informacionais e documentárias; gestão da informação; tecnologias da informação; e processos de informação.

As fronteiras de modo mais generalista:

Quadro 1 – Assuntos/disciplinas/conteúdos em comum entre Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação

Assuntos/Disciplinas	Conteúdo
A construção do conhecimento	Epistemologia. Metodologia da pesquisa. Heurística.
O estatuto do documento	Produção de evidência <i>versus</i> atribuição de sentido. A informação orgânica e a inorgânica. As unidades físicas de referência: documento, peça, série, coleção, arquivo e acervo (cartorial e operacional). As unidades intelectuais de referência: assunto e função. O documento como indício, prova e testemunho.
O fluxo documental: da gênese ao acesso	Produtores e usuários da informação (mediações e interfaces). A contextualização como ferramenta. Seleção/avaliação. Representação e comutação: polissemia e monossemia.
As instituições	Funções pragmáticas, cognitivas, estéticas e vivenciais. Gestão, custódia, conservação, depósito legal e curadoria. Patrimônio, memória, herança, cultura.
Processos de informação	Práticas em armazenamento, organização, geração, produção, comunicação, mediação, acesso, uso e apropriação da informação.

Tecnologias da informação	Suportes digitais/virtuais/analógicos nas práticas documentárias e de informação. Aplicação das tecnologias de informação em ambientes de informação (bibliotecas, arquivos, museus e outros ambientes de informação).
Gestão da informação	Gestão de documentos, gestão eletrônica de documentos (GED), gestão de pessoas em ambientes de informação, planejamento em ambientes de informação, qualidade do documento e da informação.

Fonte: elaborado pelo autor com base no documento do MEC (2001)

- Fundamentos Disciplinares

- A interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e a Biblioteconomia está na construção do objeto de estudo e de algumas atividades práticas em comum. (MIKHAILOV, CHERNYI E GILYAREVSKYI, 1973).
- As perspectivas interdisciplinares entre Biblioteconomia e Ciência da Informação
 - A superação da ideia de natureza interdisciplinar – a interdisciplinaridade como categoria de ação.
 - A perspectiva da interdisciplinaridade unificadora (HECKHAUSEN, 1972) – campos teórico, epistemológico e metodológico da Biblioteconomia e Ciência da Informação possuem efetiva integração interna, assim como se apropriam de princípios e metodologias de outras áreas de conhecimento aferindo um processo de modificação estrutural e recíproca.
 - A perspectiva da interdisciplinaridade linear (BOISOT, 1972) – pré-fixação axiomática macroepistemológica concernente a CI como campo do conhecimento para uma pós-fixação microepistemológica que é a Biblioteconomia (disciplina profissional).

3.3 Considerações Finais

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação possuem interfaces a partir dos seguintes fundamentos: históricos, epistemológicos, curriculares e disciplinares, aferindo que o olhar integrado sobre estes fundamentos preconiza uma concepção holística de cunho transversal, reticular e recíproco da interface entre as duas áreas.